

Pablo é pop, então *Pop-se!*: diálogos sobre identidades, discurso e performances

Jhonatan Thiago Beniquio Perotto*
Divanize Carbonieri**

Resumo

De acordo com Hall (2005), a construção das identidades na pós-modernidade é um processo dinâmico e contínuo que seria melhor designado por “identificação”. Para Moita Lopes (2002), as relações de poder influenciam tais processos, estabelecendo os discursos dominantes e as suas dissidências. O Brasil atual tem visto nascer discursos essencialistas e autoritários a respeito das identidades de gênero que provêm frequentemente das esferas mais altas do poder. Em contrapartida, discursos dissidentes se inserem em muitas outras esferas, como a mídia, por exemplo. O objetivo deste artigo é analisar discursivamente a capa da revista *POP-SE* de outubro de 2019, que traz Pablo Vittar como modelo, demonstrando como o seu projeto gráfico e concepção se apresentam como um contradiscurso contra o binarismo heteronormativo. Além disso, busca-se explicitar os atravessamentos de discursos que perpassam o corpo/performances de Vittar, tornando-o um sujeito-corpo-discurso, tal como o entende Navarro (2020).

Palavras-chave: Identidades de gênero; Binarismo; Contradiscurso; Sujeito-corpo-discurso; Pablo Vittar.

Introdução

Em outubro de 2019, a revista *POP-SE*, que já entrevistou vários artistas importantes, como Elza Soares, Erika Januza, Reynaldo Gianecchini, Iza, Vera Fisher dentre outros, posicionou seus holofotes sobre o mais novo ícone da música pop brasileira, Pablo Vittar. Essa publicação é editada pelos jornalistas e diretores de criação Alex Colantonio e André Rodrigues desde julho de 2019, apresentando, de acordo com o que aparece em seu site, cinco números até o momento na forma impressa e digital. A coordenação e a administração são da

* Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Mato Grosso. Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-graduação em Ensino (IFMT/UNIC). Professor da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso. E-mail: jhonatanperotto@gmail.com

** Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora-associada do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem e do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: divacarbo@hotmail.com

Editora C4, sendo que a direção de arte fica a cargo de Anderson Miguel e Christian Toledo. E o projeto gráfico, de acordo com o expediente da revista, é assinado por Zé Renato Maia e Richard Kovács.

O presente estudo se volta para a análise discursiva da capa da edição centrada em Vittar, ancorando-se em autores como Hall (2005), Bhabha (1990), Foucault (2004), Moita Lopes (2010, 2013a, 2013b), Silva (2014), Woodward (2014), Butler (2003) e Navarro (2020), os quais contribuem para os estudos sobre identidades, discurso e gênero. O objetivo é demonstrar que a proposta do projeto gráfico da capa interroga o binarismo heteronormativo, colocando-se como um discurso de resistência face à imposição autoritária de discursos essencialistas. Além disso, também apresentamos uma breve discussão a respeito dos atravessamentos discursivos e fluidez que perpassam o corpo/performance de Pablo Vittar.

Antes de tudo, algumas contribuições teóricas

Em um mundo globalizado, surgem variadas preocupações que demandam novas epistemes e métodos. Hall (2005, p. 7) afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades”. Para ele, as identidades são colocadas em questão

quando estão em crise. Tal instabilidade é provocada pelo conjunto de transformações que vêm atingindo a humanidade, sobretudo da segunda metade do século XX em diante, com o desenvolvimento de meios de transporte e comunicação cada vez mais rápidos, o que esfacela as antigas noções de distância, isolamento e incomunicabilidade. Além disso, o século XX foi palco de conflitos mundiais de grande magnitude, que, pelo seu poder de mobilizar praticamente todo o planeta e causar destruição em massa, ajudaram a estilhaçar as certezas e perspectivas dos seres humanos. Segundo Hall, em face desses fenômenos, os sujeitos passam a questionar o que antes consideravam como realidades fixas, inclusive suas próprias identidades.

Para o teórico, no período em que floresceu o Iluminismo (aproximadamente no século XVIII), havia a noção de que a identidade de uma pessoa se mantinha praticamente inalterada do nascimento até a sua morte, pois se considerava o sujeito humano como uma entidade centrada e unificada. No século XIX, essa noção foi substituída por uma visão mais dinâmica, originando o que Hall denomina como sujeito sociológico, cuja identidade era entendida como sendo o resultado da interação entre o indivíduo e sua sociedade. Apesar de ser mais aberta que a anterior, tal concepção também pressupunha certa estabilidade do sujeito, ainda visto como o portador de um

núcleo ou essência interior, que apenas se adaptaria, o melhor que pudesse, aos valores e comportamentos do mundo em que vivia.

Contudo, na contemporaneidade, as coisas não se dão da mesma forma. Hall entende que o sujeito desse período é uma figura descentralizada, ou seja, uma instância móvel, fragmentária, passível de mudanças, transformações, influências e envolta em conflitos constantes, organizando-se sempre de formas provisórias e instáveis. A esse tipo de configuração subjetiva Hall vai dar o nome de sujeito pós-moderno, entendendo que ele pode assumir até mesmo identidades divergentes ou contraditórias, conforme os diferentes contextos em que se insere. Sendo assim, o desenvolvimento identitário na atualidade se dá de forma contínua, por toda a vida:

[...] em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2005, p. 42).

Ademais, Hall delineia o cenário dessas inúmeras possibilidades de metamorfose e identificação, intitulado-o de “modernidade tardia” ou “pós-modernidade”, em que a “diferença” perpassa constantemente os antagonismos sociais que formam os sujeitos, ou seja, suas identidades. Em outras palavras, por mais que as sociedades busquem uma homogeneização, estão sempre presentes nelas diferentes hierarquias (sociais,

raciais, políticas, econômicas, de gênero etc.). Nesse contexto, podemos vislumbrar uma relação entre o conceito de identificação de Hall e as transformações que vêm ocorrendo, principalmente nas últimas décadas, em relação ao gênero, compreendido aqui como os valores e comportamentos que são esperados de homens e mulheres numa determinada sociedade. Discursos emergentes a respeito de identidades de gênero novas ou dissidentes, que antes eram silenciadas pela vigência de um padrão cisheteronormativo, começam a compor as perspectivas sociais a partir de diferentes eixos, como o midiático, o institucional, o político e o científico.

No campo acadêmico-científico, por exemplo, inúmeras pesquisas vêm sendo realizadas, sob o viés dos estudos de gênero, sobre sujeitos, identidades e discursos, apresentando novas possibilidades de se pensar a constituição da subjetividade humana. Porém, como declara Moita Lopes (2015), em uma palestra ministrada na Unicamp, ainda existem algumas dificuldades frente a essas pesquisas, uma vez que, para o rigor fundamentalista dos métodos tradicionais, muitas delas não apresentam dados quantitativos suficientes para sustentar conclusões precisas. Entretanto, para ele, no mundo em que vivemos, em que as relações são instáveis, móveis e, lembrando Bauman (2001), liquefeitas, fenômenos estatisticamente insignifi-

cantes podem ser altamente relevantes. Moita Lopes (2015) ainda defende que a inovação na pesquisa científica só vai acontecer justamente quando ela se voltar para o que está ocorrendo nas margens e entrelugares da política e dos discursos emergentes.

Podemos acrescentar que refletir sobre as identidades nunca deve ser um exercício realizado no singular, mas sempre no plural, uma vez que elas são construídas no intercâmbio entre o eu e os inúmeros outros. Por esse caráter relacional, as identidades são construídas e reconstruídas de acordo com as práticas discursivas. Moita Lopes (2002, pp. 30-4) ainda ressalta que:

o que é típico do discurso é a sua natureza social; [...] uma forma de co-participação social. Os participantes discursivos constroem o significado ao se envolverem e ao envolverem outros no discurso em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares. Isso quer dizer que alteridade e contexto são categorias básicas para compreender como o significado é elaborado na sociedade [...].

[...]

Nessa visão do discurso como construção social por meio da qual os participantes constroem a realidade e a si mesmos através do discurso [...], a construção da identidade social é vista como estando sempre em processo, pois é dependente da realização discursiva em circunstâncias particulares: os significados que os participantes dão a si mesmos e aos outros engajados no discurso.

Em virtude de seu caráter social, as identidades seriam sempre múltiplas,

fragmentadas, multifacetadas e efêmeras. Contudo, Moita Lopes (2002, pp. 34-5) chama a atenção para o fato de que a construção das identidades acontece dentro das estruturas hierárquicas de uma determinada sociedade, em que

[...] [o]s que ocupam posições de maior poder nas relações assimétricas são, consequentemente, mais aptos a serem os produtores culturais de outros seres.

Assim, a dissidência ou diferença no campo das identidades pode sofrer uma demarcação de estigma pelo padrão dominante, mas existem também as práticas discursivas de resistência, que buscam minar essa estereotipia.

As migrações constantes e as alterações territoriais dentro e fora de países são fenômenos que têm tido grande influência na construção de tais contradiscursos. Machado (2008) trata da expansão territorial ocorrida em Mato Grosso desde o século XVIII e que se intensificou da segunda metade do século XX em diante. A autora afirma que sucessivos deslocamentos provocaram mudanças dramáticas nas condições de existência de várias regiões dentro do estado, uma vez que eram inevitáveis os confrontos entre códigos culturais e práticas sociais antagônicas. Essa situação causou alterações nas relações de poder entre gêneros, gerações e posições sociais. Assim, foi possível vivenciar (re)construções de identidades nesses territórios.

Houve, por exemplo, um redesenho das hierarquias sociais com o massivo afluxo de sulistas para o interior de Mato Grosso nos últimos cinquenta ou sessenta anos. Responsáveis, em grande parte, pelo cultivo e exportação de grãos em grande escala, eles concentraram poder econômico e, a partir disso, tornaram-se peças-chave nas disputas por poder político, rivalizando com as antigas elites. Isso acabou acarretando uma revalorização das identidades locais, a exemplo do que ocorreu na capital, com o fortalecimento da cuiabania (valores e tradições culturais típicas de Cuiabá). Portanto, nesse embate de forças sociais, houve a criação de discursos de resistência e novos processos de identificação.

De acordo com Machado, as populações que afluíram para o estado, diante da necessidade de se reconfigurar em um novo cenário, também experimentaram a (re)construção das próprias identidades. A autora define a identidade como sendo formada pela visão que temos de nós mesmos e pela perspectiva que os outros têm de nós. Por um lado, então, há a identidade autodefinida ou, em outras palavras, individual; por outro, a atribuída pelo contexto social, pelo outro do discurso. Nesse sentido, Machado ainda ressalta a dinamicidade existente nessa (re)construção, visto que as identidades são constituídas e transformadas na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão, os

quais, por sua vez, acabam contribuindo para a criação de estigmas, que geram novos discursos de resistência.

Entretanto, importa saber que o discurso é repleto de historicidade, havendo a necessidade de se ter o cuidado de não o deslocar de seu tempo. Segundo Foucault (2004), cada discurso é dotado de verdades que dependem da formação discursiva da qual emanam, conservando-se num determinado período histórico. Assim, as formações discursivas, que são o conjunto de verdades que se apresentam socialmente e que definem o que pensamos, instauram-se também entre os sujeitos oprimidos em uma espécie de micropoder, fazendo oscilar a relação entre opressores e oprimidos e suscitando novas práticas de inclusão e exclusão. Tais práticas discursivas são materializadas em enunciados, os quais geram efeitos de sentido ou efeitos de verdade.

Com relação a esses efeitos, Moita Lopes (2010, 2013a, 2013b) alerta que a todo momento somos convidados ou mesmo intimados a repensar nossas posições sociais. Diante de diferentes alteridades, estamos inseridos num processo contínuo de reconstrução identitária. Ele ainda destaca a fluidez como uma das principais características da relação entre o sujeito e as suas alteridades, uma vez que as experiências identitárias são obtidas na lógica dos fluxos, ou seja, são construídas e reconstruídas sempre que

se questionam as formações discursivas. Examinando as formações discursivas conservadoras em relação às questões de gênero que se propagam no Brasil atual, o autor traça um panorama de embates.

Se, de um lado, há as atitudes extremistas de grupos religiosos e as ações violentas da cisheteronormatividade contra identidades de gênero e sexualidades dissidentes, de outro, existe a incessante tematização, em diversas mídias e instituições, de questões relativas a elas. Esse enfrentamento deixa transparecer que, em um mundo repleto de reivindicações por direitos civis, como a luta contra o machismo e a lgbtfobia, por exemplo, o binarismo que paira como discurso hegemônico parece não dar mais conta de se sustentar. Assim, no sentido de abrir espaço e de possibilitar novos discursos, aqueles que já foram diferenciados, estigmatizados e excluídos passam a exigir o seu direito de falar e existir.

Para Moita Lopes (2013a), também é importante compreender como as identidades dissidentes foram historicamente entendidas como ilegítimas ou, quando muito, sob a égide liberal do multiculturalismo celebratório, toleráveis. A heterossexualidade, a masculinidade e a branquitude, tidas como centrais, hegemônicas, dadas e não marcadas em processos discursivos, construíram o diferente da norma; em outras palavras, marcaram a feminilidade, a

homossexualidade e a negritude como alteridades. Por essa razão, ele destaca que ainda é preciso operar em muitos contextos estrategicamente, traçando políticas de diferenças, construindo o futuro em outras bases e defendendo o direito daqueles que foram massacrados por conta de racismo, lgbtfobia e misoginia, até sairmos do binarismo para chegarmos a um caminho de mão única: o da lógica queer.

Butler (2003), dialogando com a filosofia da linguagem de Austin, entende que a linguagem, além de designar/descrever objetos ou seres, também indica a realização de ações, a exemplo dos verbos performativos. Isso acontece com o verbo “jurar”, por exemplo, o que faz da frase “eu juro” tanto um ato de linguagem como um ato de fala. Quem a pronuncia já está executando a ação designada pela palavra, ou seja, já está jurando. Nesse contexto, uma vez que sujeitos podem realizar coisas por intermédio da linguagem, Butler compreende que há uma relação entre gênero e essa linguagem performática.

Afirmar que o gênero é performance, segundo Butler, implica compreendê-lo como a repetição de atos e gestos corporais estilizados, cujo principal efeito seria forjar uma aparência de naturalidade. Contudo, tais atos e gestos performativos sofrem alterações no decorrer do tempo. Algo que performamos hoje pode não funcionar amanhã. Sendo assim, o

processo de identificação de gênero é algo fluido, sem cristalização ou essência, em transformação constante. E, para Butler, as identidades de gênero podem ser instituídas e abandonadas de acordo com as necessidades e as finalidades que as pessoas têm diante de si.

Pablo é pop, então POP-SE!

Você precisa se libertar de posturas
culturais e ser você mesmo,
livre sem qualquer amarra.
Pablo Vittar

Como dissemos, a edição de outubro de 2019 da revista *POP-SE* traz na capa Pablo Vittar. Segundo o site da revista, as fotos da capa e do ensaio são de Salvador Cordaro, e a arte digital das imagens é da Fujocka Creative Images e de Marcelo Calenda. As palavras de Vittar acima estão em destaque como uma das epígrafes que acompanham o ensaio da revista. Compõem uma máxima que chama a atenção para uma experiência maior de liberdade. Além da entrevista realizada, a seção de fotos traz uma combinação de elementos que também proporciona uma discussão interessante acerca de identidades, discurso e gênero. Neste estudo, enfocaremos, principalmente, a capa dessa edição, eventualmente lançando mão de outros elementos para complementar nossa discussão.

Segundo o editorial da *POP-SE*, o ensaio seria realizado por Vittar e por outra celebridade youtuber, “X”, que, devido a um problema pessoal, acabou cancelando sua participação menos de uma hora antes do horário marcado para a sessão de fotos. Com isso, foi necessário replanejar, às pressas, a ideia da capa. Nas palavras da revista:

A capa dessa edição, pra variar, demandava uma operação de guerra – estúdio super equipado, luz de cinema, quase 50 looks de moda, tapadeiras para sobreposição de cenas nas cores rosa e azul, num manifesto contra o depoimento da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. “Menino veste azul, menina veste rosa”. Damares também afirmou, em abril de 2019, que, “dentro de sua concepção”, a mulher deve viver submissa ao homem. “O homem é o líder”, estabeleceu. Fica definido para quem aí elegeu esse governo: mulheres, curvem-se aos homens (COLONTONIO; RODRIGUES, 2019).¹

Assim, nessa edição (Figura 1), segundo a revista, “um dos cometas mais cintilantes que já rasgou o céu do cenário artístico nacional suplanta fronteiras ideológicas, incorpora/amplifica a discussão sobre gêneros” (COLONTONIO; RODRIGUES, 2019) e faz tudo isso hibridizando o rosa e o azul com pítadas de resistência contra o binarismo conservador.

Figura 1 – Capa da *POP-SE* de outubro de 2019



Fotografia: Salvador Cordaro

Arte digital: Fужocka Creative Images e Marcelo Calenda

Fonte: <https://pop-se.com/>

A proposta da capa apresenta Vittar, simultaneamente, nas suas duas versões, ou melhor, como entende Butler (2003), em duas performances de gênero: o Pabllo e a Pabllo (questionando, inclusive, a gramática normativa tradicional). Talvez essa abordagem possa criar algumas dúvidas no imaginário popular: afinal, Pabllo é homem ou mulher, masculino ou feminino? É uma coisa ou outra? E as respostas podem variar desde o essencialismo e a visão biologizante do sexo até a atual perspectiva acadêmico-científica sobre gênero e performances.

Na capa, a mulher Pabllo abraça o homem Pabllo, não lado a lado, mas a partir de trás. Esse abraço permite visualizar a profunda conexão que há entre seu lado masculino e feminino, formando um entrelaçado nada fixo. Além da desconstrução da fronteira binária que realizam, a posição e o destaque proporcional entre as figuras ilustram, de certa forma, a expressão bastante difundida e já gasta de que, “por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher”. Porém, também nesse caso é operada uma desconstrução, uma vez que a mulher Pabllo e o homem Pabllo são, na realidade, a mesma pessoa. A releitura irônica da máxima em questão a desvincula da intencionalidade com a qual ela foi construída no passado, que era provavelmente a de propor uma hierarquização entre homens e mulheres, colocando a mulher atrás do homem, portanto, num papel secundário.

Além disso, a escolha das cores rosa e azul para o pano de fundo e figurino no projeto gráfico revisita e questiona o comentário da então ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, que declarou publicamente que “menino veste azul e menina veste rosa”.¹ A fala da ministra não pode ser tomada como uma afirmação pueril e descompromissada. Na verdade, ela é endereçada aos grupos que se opõem aos estudos de gênero, chamando-os equivocadamente de “ideologia de gênero”,

que fazem parte da base que sustenta o governo que Alves integra. Essa frase espelha uma outra que também surge recorrentemente toda vez que são propostas discussões a respeito de gênero nas esferas públicas de decisão: “homem nasce homem e mulher nasce mulher”. O obscurantismo dessa sentença torna-se ainda mais evidente quando pensamos que o discurso científico a considera falaciosa pelo menos desde a primeira publicação de *O segundo sexo* em 1949.

Beauvoir (1970) defende que tornar-se mulher não é o destino imutável das pessoas que nascem com vagina, mas sim o resultado de um processo de socialização nos valores, comportamentos e normas que uma cultura estabelece a respeito dos papéis de gênero em uma determinada época. Provavelmente o oposto também seja verdadeiro: aqueles que se tornam homens só o podem fazer porque passaram por uma dinâmica semelhante. Butler ainda estende o sentido da frase de Beauvoir, pontuando que esses processos são contínuos, ou seja, não têm fim durante a vida do indivíduo. Isso acontece não apenas porque o processo individual de identificação é dinâmico e mutável, mas também porque a própria sociedade sofre alterações na sua concepção dos papéis de gênero ao longo do tempo.

Então, a seleção das cores no fundo da capa e as duas figuras em primeiro plano já estabelecem um contradiscurso ou

discurso de resistência, tal como é entendido por Moita Lopes (2002). Dentro de uma estrutura de poder em que a ponta da pirâmide privilegia o essencialismo e o anticientificismo, colocam-se não apenas como dissidência, mas também como detentores de poder ao ocupar a primeira página de uma revista de circulação nacional. O sucesso de Vittar como artista pop também a coloca em uma posição privilegiada de formadora de opinião, sobretudo entre os jovens, que podem se identificar não apenas com a sua música, mas também com a sua concepção e performance de gênero. Não é algo que se possa desprezar num cenário de reconfigurações políticas, uma vez que, segundo a pesquisa do Datafolha de julho de 2022, o atual presidente e o seu governo perderam terreno entre as intenções de voto dos eleitores entre 15 e 29 anos.³

A combinação entre as cores rosa e azul assume ainda mais significados quando são levadas em consideração outras fotos do ensaio (Figura 2), em que parece ter havido uma mescla entre elas, com o surgimento de uma tonalidade mais próxima do lilás. Tal tratamento cromático nos remete às concepções entre torno dos processos de hibridação cultural. Bhabha (1990), por exemplo, toma essa noção não como uma mistura homogênea, mas como a convivência tensa entre sistemas culturais diferentes que daria lugar ao que ele chama de

“terceiro espaço”, um espaço criativo em que novos valores podem surgir, distintos daqueles que o originaram. Talvez assim também possamos compreender a dinâmica das cores nessa edição da revista: o conflito entre os papéis de gênero, vistos dentro de uma ótica essencialista ou binária, possibilitaria o surgimento de posicionamentos que esfacelam tal binarismo. Nesse processo, as identidades de gênero poderiam assumir atributos tradicionalmente considerados masculinos ou femininos (como vestimentas, cabelos, maquiagem etc.) alternada ou simultaneamente, conforme suas necessidades ou desejos.

Figura 2 – Fotos do ensaio da *POP-SE* de outubro de 2019



Fotografia: Salvador Cordaro

Arte digital: Fujocka Creative Images e Marcelo Calenda

Fonte: <https://pop-se.com/>

A capa, de certa forma, espelha o modo como Vittar concebeu a própria carreira em contraponto ou, melhor dizendo, combinação com sua vida pessoal,

sobretudo mais recentemente. A ideia não é a de que haveria uma separação estanque entre sua personalidade artística e a pessoa física que apresenta no mundo civil. Entre as duas parece haver intercâmbios e fluxos. Sobre sua identidade de gênero, a artista se manifestou, na entrevista para a *POP-SE*, da seguinte forma:

Hoje batalho por igualdade e pela liberdade de ser quem eu sou. E sabe o que eu sou? Um homem gay, que faz uma drag queen. Não sou uma mulher, mas quando me visto como uma, me enxergo como tal. Não ligo se me chamarem de ele ou ela, quando estou vestida com roupas do meu dia a dia. Mas, quando me monto, só aceito e respondo por ela. Todo trabalho que tenho para ficar produzida e me chamam de ele? Não dá né? Rs (VITTAR *apud* COLONTONIO; RODRIGUES, 2019).

Assim, reconhece-se como um homem gay que, em suas performances artísticas, apresenta-se como uma *drag queen*. A princípio, poderia parecer que há uma dicotomia entre as duas coisas, com Vittar estabelecendo uma rígida distinção entre elas (quem eu sou na vida civil e quem eu sou no palco). Porém, essa impressão desaparece porque, mesmo em suas roupas de dia a dia, aceita a designação por ambos os pronomes (ele ou ela), o que indica que sua identificação de gênero não é excludente. E isso não é pouca coisa. A ideia de que um nome próprio tradicionalmente visto como masculino possa também ser entendido como feminino parece ser ainda mais

difícil de assimilar, para a sociedade em geral, do que o fenômeno da transgeneridade. Geralmente se espera que uma pessoa trans, por exemplo, assuma um nome “condizente” com a identidade de gênero com a qual se reconhece.

Vittar não é trans, reconhecendo-se como homem cis, mas desassocia o seu nome da obrigatoriedade dos gêneros masculinos ou femininos da linguagem. Porém, apresenta uma exceção. Quando está pronta para realizar seu show, portanto, “montada” como *drag queen*, exige ser tratada apenas como ela, ou seja, no feminino, justificando-se ao enfatizar todo o trabalho que tem para se produzir dessa maneira. A *persona* artística está, assim, mais identificada com o feminino, no entanto, o destaque no processo de “montar-se” (ou tornar-se) também corrói cristalizações. Além disso, ainda que a *persona* artística não se confunda com o “eu” cotidiano, talvez possamos pensar que a permissibilidade do tratamento tanto no feminino quanto no masculino na vida civil seja a consequência dos intercâmbios entre uma identidade e outra.

Em momento mais recente, Vittar acrescentou mais elementos a essa dinâmica:

Sou gay, mas no decorrer do tempo eu me enxergo muito mais como um gênero fluido. [...] Gosto de ser menino, fazer *drag* e me vestir da maneira que esteja confortável. Não necessariamente isso vai ser um *dress-code* totalmente masculino nem feminino (VITTAR apud ALOI, 2022).⁴

É realmente por meio da fluidez que Vittar vivencia seus processos de identificação de gênero. Reconhecer-se como homem e performar como *drag* não são vistos como excludentes ou mesmo opostos porque a identidade não está sendo tomada a partir de um ponto de vista unívoco. Doonan (2019) lembra que os próprios conceitos em torno do fenômeno *drag* também estão mudando, já sendo uma ideia defasada associá-lo apenas a homens cis que “se vestem de mulher” em momentos específicos. De acordo com ele,

[u]ma nova geração de almas criativas [...] está reescrevendo o livro de regras do *drag*, mesclando gêneros e obliterando noções pré-concebidas (DOONAN, 2010, p. 10).

Isso significa que diversas identidades de gênero podem performar o *drag*, e de fato o estão fazendo na atualidade.

Ademais, Vittar afirma querer se vestir e se expressar de acordo com as próprias vontades, buscando o conforto e o bem-estar e não a adequação aos estereótipos binários de gênero. O seu “código de vestimenta” pode reunir elementos tradicionalmente considerados masculinos e femininos, conforme seja o seu desejo na ocasião. O importante é libertar-se “das amarras”, como sua fala (na epígrafe) já explicita. Afinal, são apenas convenções as decisões em torno de que roupa deve ser considerada “de homem” ou “de mulher”. E essas

convenções podem ser questionadas e transformadas.

Portanto, não apenas a capa da revista *POP-SE* se apresenta como um contradiscurso a respeito das identidades de gênero, mas também outros elementos em torno da pessoa/artista Pablo Vittar: seus pronunciamentos, concepções, músicas, fotos e, sobretudo, seu corpo, tanto nas performances artísticas quanto em sua vida de pessoa física. O seu é um corpo formado por atravessamentos discursivos que se contrapõem aos discursos essencialistas que partem de posições conservadoras e autoritárias. Nesse sentido, o modo como Vittar faz uso do próprio corpo vai ao encontro da noção de sujeito-corpo-discurso defendida por Navarro (2020).

Essa é uma formulação que entende o corpo como lugar estratégico de luta para o sujeito diante das representações e discursos sociais, históricos e políticos que tentam condicionar e moldar a sua subjetivação e identificação. Para Navarro, o corpo pode, assim, ser visto como o enunciado de uma prática de resistência ou de desobediência contra, por exemplo, as formas hegemônicas de se conceberem as masculinidades. Em confronto com a noção de uma masculinidade tóxica, reprimida e repressora, o sujeito-corpo-discurso de Navarro exerceria, então, novas masculinidades, mais inclusivas e menos estanques. É antes de tudo um posicionamento político. Contradiscurso

e contraconduta enfeixariam o corpo concebido dessa forma, tal como acontece na vivência de Vittar.

Até o momento, as últimas considerações

De um lado, os que pendem ao binarismo podem vir a entender a capa da *POP-SE* como uma degenerescência do ser – além de representar uma forma de ataque à moral e aos bons costumes – ao subverter os papéis hegemonicamente pré-estabelecidos para o que se entende por homens e mulheres. E, quando consideram essa manifestação um ataque, parecem estar enxergando Vittar como um diferente, um outro, portanto, passível de estigmas. É nesse contexto que Moita Lopes (2002, 2010, 2013a, 2013b, 2015) e outros, como Silva (2014) e Woodward (2014), atentam para o fato de que identidade e diferença sempre estiveram ligadas às construções sociais. Ademais, a diferença desempenha o papel de um sistema de classificação, hierarquização e valoração de sujeitos, que, numa fronteira simbólica, serão considerados diferentes, anormais e estigmatizados.

Todas essas premissas conservadoras podem ser entendidas numa alusão aos efeitos de verdade de Foucault (2004). Se, para ele, cada discurso é dotado de verdades, que dependem da formação discursiva da qual emana, conservando-se em um determinado período históri-

co, ele acaba definindo o pensamento de uma forma macroestrutural, resultando em práticas de inclusão e exclusão, as quais se (re)produzem e são, muitas vezes, materializadas em enunciados.

Logo, ao ouvirmos ou lermos enunciados como “homem tem que ser macho”, “homem que é homem não chora”, “quem chora é mulherzinha”, “lugar de mulher é atrás de um fogão”, “nada contra, pois até tenho amigos gays” ou, ainda, “é só não dar em cima de mim que está tudo bem”, fica mais fácil compreender como esses enunciados se materializam, correspondendo ao que se entende por efeitos de verdade ou de sentido. E é numa direção contrária a essas verdades que a capa de *POP-SE* busca se posicionar.

Por outro lado, aqueles que se enquadraram nas características de um sujeito descentralizado, como quer Hall (2005), veriam provavelmente a capa com mais naturalidade. É claro que uma boa parte das novas gerações pode não compreender mais o binarismo de gênero como o único caminho a seguir, mas há também uma parcela que provavelmente é influenciada pelos efeitos de sentido heteronormativos. Por isso, é sempre bom deixar uma ressalva de que as coisas estão mudando para um maior respeito às diferenças, mas não de forma homogênea ou total.

Porém, a partir de uma perspectiva otimista, apresenta-se a necessidade de tomar rumos positivos para que a luta

contra o conservadorismo hegemônico ganhe, progressivamente, mais força. A presença dessa capa e da própria figura de Pablo Vittar confirma que ela – e quem mais assim o desejar – pode ser quem quiser, na hora que achar melhor, corroborando também a leitura de Moita Lopes (2010) sobre a não fixidez das identidades. Para esse teórico, é preciso entender que, em um mundo global como este em que vivemos, tudo, o tempo todo, é questionado; logo, as verdades instituídas pelos discursos binários precisam ser – e são – contestadas, uma vez que não sobra espaço para dividir as pessoas exclusivamente em dois grandes grupos de identidades de gênero.

O trabalho de Vittar, nesse ensaio e mesmo fora dele, possibilita ver o gênero como performance, o que não deve ser entendido como algo fixo só porque a hegemonia assim o deseja. Ademais, lembrando Moita Lopes (2010), as identidades são sempre plurais e, na lógica dos fluxos, são construídas e reconstruídas sempre que se questionam as formações discursivas. Em relação à análise da capa, a ideia da performance ressoa evidente a partir de um enlace entre ele e ela, destacando a não fixidez como uma possibilidade a ser vivenciada a qualquer momento do dia, afinal, trata-se de performances. Aliás, o Pop é um ambiente de performances. A capa da *POP-SE* demonstra para o público que Vittar foi a escolha mais acertada para a proposta de

resistência ao binarismo, com pitadas de rosa, azul e sua mistura: o lilás, como se nos mostrasse que mulheres e homens, cis ou trans, sendo seres performáticos, podem transitar por entre as cores, ou melhor, pelos gêneros.

Todavia, ainda se sabe que nem todos do corpo social estão, de fato, compreendendo corretamente as discussões que cercam o debate sobre identidades, discurso e gênero. Dessa maneira, urge ampliar as discussões nos mais diversos meios sociais, sobretudo das instituições de saúde e educação, uma vez que os estigmas, originados das diferenciações de gênero, sexo, raça, classe, são reflexos sérios que afetam não apenas nossa sociabilidade como a nossa saúde.

Pablo is pop, so *Pop-se* (pop yourself)!: dialogues on identity, discourse and performance

Abstract

According to Hall (2005), the construction of identities in postmodernity is a dynamic and continuous process that would be better called 'identification'. For Moita Lopes (2002), power relations influence such processes, establishing dominant discourses and their dissidences. Present-day Brazil has seen the rise of authoritarian and essentialist discourses on gender identities often coming from the highest spheres of power. Conversely, dissident discourses emerge in many other spheres, such as the media, for example.

This paper aims to discursively analyze the cover of the October 2019 issue of POP-SE magazine, which features Pablo Vittar as a model, seeking to demonstrate how its conception and graphic design function as a counter-discourse against heteronormative binarism. In addition, discursive crossings that permeate Vittar's body/performance are highlighted, showing how they turn it into a subject-body-discourse, as understood by Navarro (2020).

Keywords: Gender identity; Binarism; Counter-discourse; Subject-body-discourse; Pablo Vittar.

Notas

- ¹ Estamos nos baseando na edição dessa revista conforme apresentada em seu site, por isso, não há números de página.
- ² Conforme reportagem da *Folha de São Paulo* de 4 de janeiro de 2019.
- ³ Conforme reportagem da *Folha de São Paulo* de 28 de julho de 2022.
- ⁴ Estamos nos baseando na edição dessa revista conforme apresentada em seu site, por isso, não há números de página.

Referências

ALOI, André. Pablo Vittar: 'Eu me enxergo muito mais como um gênero fluido'. *Harper's Bazaar*, Brasil, 6 jun. 2022. Disponível em: <<https://harpersbazaar.uol.com.br/estilo-de-vida/pablo-vittar-eu-me-enxergo-muito-mais-como-um-genero-fluido/>>. Acesso em: 21 set. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Tradução: Sérgio Millet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BHABHA, Homi. The third space. In: RUTHERFORD, Jonathan (Ed.). *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990, p. 207-221.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLONTONIO, Alex; RODRIGUES, André (ed.). *POP-SE*, n. 2, outubro, 2019. Disponível em: <<https://pop-se.com/2019/10/16/pablo-e-pop/>>. Acesso em: 21 set. 2022.

DOONAN, Simon. *Drag, the complete story*. Londres: Laurence King Publishing, 2019. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LULA tem 51% entre jovens, contra 20% de Bolsonaro. *Folha de São Paulo* [online], São Paulo, 28 jul. 2022. Datafolha. Pesquisa eleitoral. Disponível em <<https://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2022/07/lula-tem-51-entre-jovens-contr-20-de-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 21 set. 2022.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. Do norte, do sul, do além-mar, de Mato Grosso. In: MACHADO, Maria Fátima Roberto (org.). *Diversidade sociocultural em Mato Grosso*. Cuiabá: Entrelinhas, 2008, pp. 92-135.

‘MENINO veste azul e menina veste rosa’, diz Damares Alves. *Folha de São Paulo* [online], São Paulo, ano 99, n. 32.783, 4 jan. 2019. Poder, p. A8. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damares.shtml>>. Acesso em: 21 set. 2022.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. A experiência identitária na lógica dos fluxos: uma lente para se compreender a vida social. In: MOI-

TA LOPES, Luiz Paulo; BASTOS, Liliana Cabral (orgs.). *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte: editora UFMG, 2010, pp. 9-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Gênero, sexualidade, raça em contextos de letramentos escolares. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013a, pp. 227-247.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013b, pp. 13-28.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Pesquisa em Linguística Aplicada: entre lugares/margens, discursos emergentes e política. II Ciclo de Diálogos em Linguística Aplicada. In: *Conversas, questões de linguagem* (Youtube). 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8>>. Acesso em: 21 set. 2022 (vídeo).

NAVARRO, Pedro. Masculinidades em disputa no campo enunciativo: corpo, poder e contracondutas. In: BRAGA, Joaquim; FERNANDES, Rafael de Souza Bento; TASSO, Ismara (orgs.). *Michel Foucault e os discursos do corpo*. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 219-248.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014, pp. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014, pp. 7-72.